

# **A psicologia de fronteiras e barreiras: escalando o muro na cabeça\***

*Costica Bradatan\*\**

## **Resumo**

Este artigo esboça uma fenomenologia de paredes como barreiras e obstáculos. Nos Procuramos estabelecer dois pontos: Primeiro, para aqueles que os constróem e usam, as paredes são a expressão visível de uma necessidade de segurança e auto-isolamento. Segundo, a partir da perspectiva daqueles para quem os muros são construídos e usados, há um desafio e uma oportunidade para a auto-superação. Finalmente, este artigo sugere uma visão possível da história como um jogo de grande escala entre os construtores e os destruidores de muros, que define a lógica das barreiras.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Muros. Segurança.

Muros voltaram à moda em nossos tempos, eles estão de volta e presentes. Muros e cercas. Não muito tempo atrás, como podemos recordar, candidatos presidenciais republicanos expressaram sua devoção a eles. Em outubro, Michele Bachmann assinou um compromisso de apoiar a construção de uma cerca de arame farpado que cobriria toda a extensão da fronteira dos Estados Unidos com o México. Para não ficar atrás, Herman Cain expressou seu apoio à cerca eletrificada para separar esta fronteira, de forma que ela pudesse ser suficientemente letal para causar a morte de quem a tocasse.

Como alguém que cresceu por trás da Cortina de Ferro, eu gostaria de saber como o dispositivo funciona, para que, desta forma, nós pudessemos saber como fomos capazes de inventar isso (que deve ter sido copiado). Poderíamos, então, desenvolver a capacidade e a habilidade de atravessarmos o “muro letal”, como parte de um *kit* de sobrevivência do Leste Europeu.

Claro, o problema não desapareceu. A imigração foi mais uma vez um tema do terceiro plenário no mais recente debate republicano.

Esta mensagem apareceu como tema nesta semana na mídia para reforçá-lo: a última capa da revista “The New Yorker” traz uma ilustração da Ação de Graças com tema do artista Christoph Niemann, que mostra peregrinos do navio de transporte colonial Mayflower, assustados e presos numa cerca de arame farpado no deserto.

Enquanto muros e cercas de arame farpados são certamente coisas físicas e imponentes, uma boa parte do seu poder vem de fora. Como o seu papel no discurso político deixa claro, eles também são coisas da mente. E não é um conceito confinado às fronteiras americanas. Os alemães, que parecem ter um nome para tudo, usam a frase *Mauer im Kopf* (“um muro na cabeça”) para se referir ao fenômeno. O Muro de Berlim poderia ter sido demolido há muito tempo, mas muitas pessoas na Alemanha ainda se sentiam divididas, e o muro continuava intacto em suas mentes (como nativo da Alemanha, Niemann podia saber uma ou duas coisas sobre isso). Muros e paredes podem ser espetaculares como estruturas arquitetônicas, mas elas podem ser ainda mais fascinantes como entidades, que habitam nossos pensamentos e formam nossas culturas.

Muros, então, são construídos não para nossa segurança, mas para nos dar uma sensação de segurança, da onde o seu sentido. A distinção é importante, pois aqueles que participam da comissão para sua construção estão bem cientes deste saber e deste detalhe. O que um muro satisfaz não é tanto uma necessidade material como mental. Muros não protegeram pessoas dos bárbaros, mas de suas ansiedades e medos, que muitas vezes podem ser mais terríveis do que os piores vândalos. Desta forma, eles são construídos não para aqueles que vivem fora deles, ameaçando-os, mas para aqueles que habitam dentro deles e a partir deles, numa separação. Em certo sentido, então, o que é construído não é um muro, mas um estado de espírito.

Em um mundo cheio de incertezas e confusão, um muro é algo que nos fornece algo a confiar, algo bem ali, na frente de você – firme, maciço e reconfortante. Com muros vêm o conforto mental, a tranquilidade e até uma vaga promessa de felicidade. Sua mera presença é uma garantia de que, afinal, há ordem e disciplina no mundo. Um muro significa a vitória da razão geométrica sobre os impulsos anárquicos. O que pode ser melhor e mais importante do que uma linha reta para atravessar desertos, florestas, rios rápidos, cidades e províncias rebeldes ingovernáveis? A linha reta não é apenas a distância mais curta entre dois pontos, mas também a forma mais barata de construir um muro. Os muros são frutos da geometria a serviço da humanidade. É verdade, eles criam divisões e distinções, mas também a racionalidade. Muros fazem as coisas aparecerem claras e distintas, são sempre entidades de um espírito cartesiano. Visto do espaço, a Grande Muralha da China é uma das poucas indicações de que a Terra é habitada por seres racionais (se deixarmos de lado os traços visíveis de poluição industrial).

Permitido, os muros também podem bloquear nossa visão, mas não deve ser grande tal problema, especialmente quando se quer esconder. Numa inspeção mais próxima, um muro produz um duplo processo. Por um lado, por meio da construção de um muro, eu tento me esconder, viver em sua sombra, e no limite, tornar-me invisível. Por outro lado, no entanto, é precisamente por construí-lo

que venho a me revelar de uma forma decisiva. Por intermédio da construção de um muro, eu posso me expor totalmente, tanto meus medos, como as minhas ansiedades, que antes eram secretas e agora podem ser contempladas em toda a sua nudez. Um muro é acima de tudo a admissão de uma vulnerabilidade fundamental. Agora, se mudarmos de perspectiva e olharmos para as coisas do ponto de vista daqueles que são “de fora” (fora do muro), um muro é sempre percebido como um convite. É uma maneira de colocar as coisas sob uma luz mais tentadora, de torná-los desejáveis. Um jogo de provocação e de sedução.

Costumava haver nada aqui, e então, um dia, de repente, surge um muro. Como você pode não prestar atenção? A construção de um muro significa que alguém tem algo precioso, e que os outros por detrás do muro devem saber sobre ele. O muro erguido significa, em primeira leitura, que alguém não deseja compartilhar com os outros aquilo que se tem. No entanto, à medida que, por meio da construção do muro, se permite saber que os outros saibam de sua nova posse, isso significa que se pode querer compartilhar, afinal, é esse o ponto capital de todo este jogo. Como aprendemos a partir de René Girard, é precisamente assim que nascem os desejos: eu desejo algo por meio da imitação, porque alguém já o tem. Isso explica por que as paredes e muros são tão atraentes, mas também o porquê de nos darem a sensação de estarmos cercados, eventualmente demolidos e distantes. Eles são simplesmente irresistíveis.

Os otomanos levaram várias gerações para romper as muralhas de Constantinopla. Eles foram incrivelmente teimosos, estes velhos turcos, pois eles persistiram em seus esforços ao ponto de se estabelecer a criação de pequenas cidades ali mesmo, junto às muralhas da cidade. Mas eles contavam com a ajuda de uma determinação alimentada a cada dia com a visão desses muros de Constantinopla, que tornou a cidade cada vez mais tentadora, e o desejo de conquistá-la, irresistível.

Muros são construídos por várias razões e servem a propósitos diferentes, mas sua função é sempre fundamentalmente a mesma: criar divisões, para evitar que pessoas e ideias se movam livremente,

como para legitimar as diferenças. No final, nem se quer importa se um muro foi construído por pessoas que têm medo de perder um pouco do que eles possuem (a situação mais frequente) ou governos – como o Estado Alemão Oriental, que construiu o Muro de Berlim – com medo de perder seu povo, que, na ausência de muros, de bom grado iria para outro lugar. Uma vez que o muro fora erguido, ele adquire uma vida própria, e suas estruturas interferem na vida das pessoas, que passam a viver de acordo com suas próprias regras. Um muro lhes dá um significado e um novo sentido de direção. Todos agora destacados e excluídos para fora daquele muro têm agora um propósito: encontrar-se, por qualquer meio que os leve para o outro lado do muro.

Quando “Hadrian” ergueu a muralha, onde hoje é o nordeste da Inglaterra, no segundo século, todos aqueles que estavam à esquerda ao norte descobriram um destino novo e interessante: o sul da muralha. Quando o Muro de Berlim foi construído em 1961, as pessoas na Alemanha do Leste devem ter, de repente, percebido que havia um lugar que vale à pena ir: o lado de Berlim Ocidental. Por quase trinta anos, o muro aumentou o seu desejo de estar do outro lado. Para muitos deles, esse desejo era tão irresistível que eles tinham que sofrer, quaisquer que fossem os riscos, mas que era o suficiente para se morrer tentando.

Sem muros, todos nós certamente morreríamos de tédio. É por isso que, se não encontrá-los no mundo real, temos que inventá-los. No filme de Luis Buñuel “El Ángel Exterminador”, um grupo de pessoas se encontram misteriosamente presos em um quarto após uma festa. À medida que o tempo passa, eles revelavam seus egos mais profundos. Além disso, a situação torna-se terrível: alguns vão tão longe quanto cometer suicídio. A pessoa morria, e todos faziam tudo para fazer as coisas por meio das quais eles se degradavam profundamente. Depois de chegar ao ponto mais baixo, de alguma forma, eles finalmente conseguem sair. É então neste ponto que eles aprendiam que o muro, que os mantinha presos, existia apenas em suas próprias mentes. O filme foi todo feito no México.

Em uma grande escala histórica, os muros devem ser uma bênção.

E não só para o notável – se inexpressível – debate filosófico e cruzamento cultural que ocorre continuamente, entre aqueles que construíram muros, por um lado, e aqueles, que por outro lado, querem derrubá-los. Acima de tudo, muros ajudam a manter o mundo vivo e a História em movimento. O muro é sempre uma provocação, e a vida só é possível como uma resposta às provocações; um Mundo sem muros, logo, se tornaria obsoleto e seco.

Afinal, a própria História pode se revelar nada mais do que um jogo de grande escala infinita, em que alguns muros são construídos apenas para que outros possam derrubá-los, ou melhor, para se tornarem um ex-muro, e a construção do melhor dos muros é a coragem do último que chega para destruí-lo. O aprofundamento destas competências deve ser o que chamamos progresso.

## Notas

\* Originalmente publicado no jornal “New York Times”, em 27 de novembro de 2011. Traduzido e reproduzido com permissão.

\*\* Costica Bradatan é *Fellow* (pesquisador nível A) no Instituto dos Estudos Avançados, Universidade de Notre Dame, e professor adjunto na Faculdade de Merito, no Texas Tech University. Bradatan é autor e editor de vários artigos, livros e, mais recentemente, *Philosophy, Society and the Cunning of History in Eastern Europe (Filosofia, Sociedade e da astúcia de História na Europa Oriental)* (Routledge, 2012).

## **Abstract**

The article sketches a phenomenology of walls as barriers and obstacles. It makes a double point. First, that as far as those who build and use them are concerned walls are the visible expression of a need for security and self-isolation. Second, that from the perspective of those against whom walls are built and used, they are a challenge and an opportunity for self-overcoming. Finally, the article hints at a possible vision of history as a large-scale game between wall builders and wall breakers.

**Keywords:** Phenomenology. Walls. Security.